Na morte de Maria Ondina Braga

Professora, tradutora, biógrafa, contista e romancista, Maria Ondina Braga (1932-2003) morreu em silêncio e solidão, após regressar à sua cidade natal de Braga quando uma doença prolongada veio ao seu encontro e a levou para sempre em Março último, sepultada que ficou no Cemitério dos Arcos.
A autora de Angústia em Pequim e Estátua de Sal cultivou um fascínio pelas terras do Oriente, após viver alguns anos em Pequim e em Macau, que muito a seduziu e de que jamais deixou de fazer uso dos seus cheiros e sabores, das suas terras e gentes, como se patenteia em muitos dos seus livros, publicados com alguma regularidade, mas injustamente esquecidos da crítica e do público.
Dotada de uma sensibilidade próxima do intimismo literário de Irene Lisboa, Maria Judite de Carvalho ou Luísa Dacosta, a autora de Vidas Vencidas fez da própria literatura a ?mesa da sua solidão? em que pouca gente se instalou, por ser de seu natural recolhimento proteger-se no silêncio do grande rumor que sentia existir na literatura e arredores.

Por isso, Maria Ondina não foi de fácil convívio nem se expôs na praça pública para tirar quaisquer dividendos que a sua própria obra claramente revelava e sem ter de andar a proclamá-la de archote na mão. Que a lessem, sim, porque para isso escrevia e publicava os seus livros. E esse recado ficou dado.
Agora, na hora da partida, não resistimos em reler *Nocturno em Macau* (1991), em que uma vez mais nos revela a sua pessoal digressão e descoberta da vida, o fascínio oriental, as pessoas que nela permanecem e constituem o? corpus? literário da obra ficcionista de Maria Ondina Braga. Trata-se ainda de recordações vividas e sentidas em diferentes paragens que, como em *Estátua de Sal*, simbolizam esse modo próprio de ?olhar para trás? por parte de uma escritora lúcida e atenta ao que se passa à sua volta, amargurada e por vezes pessimista nas impressões que dá desse mundo conhecido pelas suas andanças como professora por terras longínquas de Macau e de outras paragens. A força expressiva da sua prosa, o domínio das situações que descreve, o constante jogo que sabe fazer para que as palavras pareçam ?sombras chinesas?, e onde o sentido mais evidente por vezes se confunde ou sobrepõe pelo aspecto intimista, recatado e amoroso das suas personagens - tudo faz com que se entenda a ficção de Maria Ondina como a projecção literária de um universo muito pessoal, cheio de secretas intimidades e de sombras que soube projectar através de uma prosa marcadamente poetizada, como de facto uma vez mais observamos nas páginas de *Nocturno em Macau*.
Retomando por outros caminhos de uma escrita subtil e penetrante, povoada de referências aos lugares que foram de sua peregrinação, a história que neste romance se conta sobre a amizade de Ester e de Xiao, duas professoras com uma outra sensibilidade e grande capacidade de amar, cruza-se ainda com a insidiosa presença de Lu Si-Yuan ou mesmo de Gandhora, Zacarias, Mendo ou madre Rosa Mística - e por aí se traça um quadro ficcional, entre jogos e efeitos bem conseguidos numa prosa poética que percorre o romance, entre pequenos mundos e complicados enredos, enfim, vidas estreitas e reduzidas no horizonte dos passos ou interesses, marcadas por simples ?tragédias? que ensombram o tempo de todas as horas, no receio da carta que não chega de longe, ou chega e se receia ler, ou mesmo no dissabor causado por qualquer pequeno gesto ou palavra menos clara ou até a-despropósito. Mas tudo se confunde num universo fechado e amoroso para revelar o fascínio ou o mistério de serem outros os rumores que chegam de um rio tão próximo ou na comovida frustração de um amor mal correspondido. Porém, perpassa em *Nocturno em Macau*, na dimensão poetizada e cativante da sua escrita, esse oculto sentido das coisas, dos lugares e das pessoas que mergulham no meio de simples intrigas ou povoam o quotidiano com gestos simples e sinais de outros sonhos.
Por isso, na propositada carga estrutural de *Nocturno em Macau,* no modo fechado da própria escrita, sem intervalos, mas cantante, quase um *moderato cantabile* em lembrança de Marguerite Duras, nas inúmeras alusões às pessoas e aos lugares das suas deambulações orientais, Maria Ondina Braga deixou-nos um livro de excelente qualidade, comovido e profundo na atitude de fixar os ?limites? de uma vivência bem singular e carregada de muitas sombras. Mas, sobretudo, por esse comovente halo poético e musical como soube afirmar e renovar o fascínio pelas terras do Oriente que sempre revivem na escrita os vestígios claros de outras andanças e peregrinações.
Assim, na hora da morte e na releitura de um dos seus melhores livros, evocamos a partida derradeira de Maria Ondina Braga, certos de que a sua obra ressurgirá das sombras e silêncio em que está esquecida, pela coerência e verdade de que se reveste e pelo exemplo, na força de uma secreta intimidade, que soube transferir para as páginas de uma obra literária muito autêntica nos limites da sua expressão.

Maria Ondina Braga
Nocturno em Macau, romance
Ed. Caminho / Lisboa.